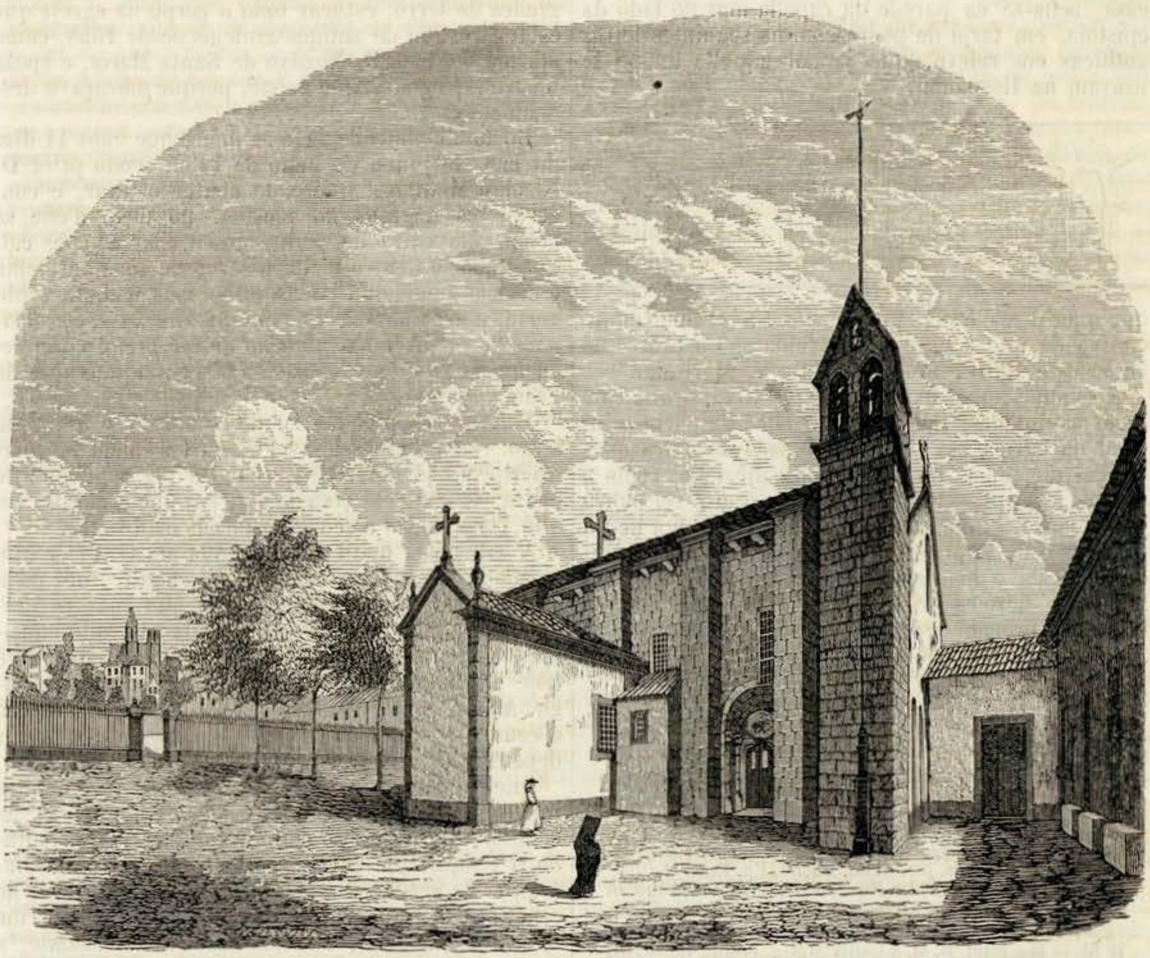


Egreja de Cedofeita — Desenho de Nogueira da Silva

N'um dos extremos da cidade do Porto, ao poente, se acha erecta a egreja de S. Martinho de Cedofeita, matriz da freguezia do mesmo nome, e um dos templos mais antigos do reino.

Quando lhe faltasse outros titulos para a tornar recommendavel e digna de menção, bastava só a sua existencia de treze seculos para ser venerada, respeitada e admirada.

Foi esta egreja edificada em 559 por Theodomiro, rei dos suevos, em cumprimento de um voto que fizera, por seu filho Ariamiro, que muito extremava, ter recuperado a saude, abraçando conjunctamente com elle a religião christã, e abandonando a seita de Ario em que fôra educado.

Eis o que a este respeito nos diz o chronista D. Rodrigo da Cunha: [1]

«Theodomiro não achando remedio humano para a doença de seu filho Ariamiro, recorreu ultimamente a S. Martinho Turonnense pela noticia que havia dos grandes milagres que obrava em sua sepultura na França, aonde mandou embaixadores com a offerta de tanta prata e oiro quanto pesasse o filho enfermo; e reconhecendo não tivera esta diligencia effeito por ainda perseverar o mesmo Theodomiro na pestifera seita do arianismo, prometteu que se por intercessão do mesmo santo alcançasse o filho saude, e conseguisse suas reliquias, abraçaria a mesma fé catholica que o santo em vida professára, e com esta determinação tornou a mandar os embaixadores a França, ordenando-lhes trouxessem alguma reliquia do mesmo santo, como com effeito trouxeram, gastando dois annos n'esta diligencia.»

Tanta fé ligou Theodomiro a este segundo voto, que partidos que foram os embaixadores, mandou logo proceder á edificação de uma egreja em louvor de S. Martinho. O empenho era tal, que a fabrica progrediu com incrivel rapidez, a ponto que quando as reliquias chegaram já estava concluida. Foi d'esta brevidade de construcção que veiu o dizer-se — *Citofacta*, em vulgar, Cedofeita, denominação que atravez dos seculos veiu até nós.

Fr. Bernardo de Brito [1] sem alterar as circunstancias do milagre, diz que a egreja edificada é a de Dume, proximo a Braga. Porém S. Maximo, bispo de Saragoça, expressamente diz, que a egreja de Dume fôra erecta por ordem de Reciario, para a ella se recolher S. Martinho, a que chamâmos Dumiense, depois de ter prégado a fé em Portugal, o que succedeu muito depois de estarem as reliquias de S. Martinho Turonnense recolhidas na sua egreja, que não podia ser a de Dume, posteriormente construida.

Além do testimunho de tão santo varão, temos,

[1] Catalogo dos bispos do Porto, pag. 110.

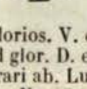
[1] Monarch. Lusit. part II, liv VI, cap. XII.

para nos convencer, e confirmar que esta egreja fôra dedicada a S. Martinho de Tours, as duas seguintes inscripções que ainda existem em perfeito estado de conservação. A primeira, que data da fundação da casa, acha-se na parede da capella-mór do lado da epistola, em tarja de pedra com as seguintes letras gothicas em relevo, que já por aquelle tempo se usavam na Hespanha,



que quer dizer *Jesus, Maria* e *Martinho*, como enunciativa de que a egreja construida sob a protecção de Jesus e Maria, fôra dedicada a S. Martinho.

A segunda, mais extensa e explicativa, acaba com todas as duvidas. Collocada por cima da porta principal da egreja em 1767, trasladada de outra mais antiga que consta do archivo da collegiada, como a mesma inscripção indica, nos diz: que o rei suevo Theodomiro a fundára em 559, dedicando-a á honra de Deus e da Virgem, e a S. Martinho de Tours, recebendo ahi o baptismo com seu filho, porque ambos eram herejes arianos, e que fôra sagrada por Lucrecio, prelado bracharense, sob o pontificado de João III. A inscripção é a seguinte:



Theodomir. Rex glorios. V. erex et construx.
Hoc monast. Can. B. Aug. ad glor. D. et V. M. G. D. et B. Martini
et fecit ita solemnis. sacrari ab. Lucret. Ep. Brac. et aliis
sub J. III. P. M. pridie idus Nov. an D. alix. Post. id Rex in
hac Eccles. ab eod. Ep. palam bapt. et fil. Ariamir. cum Magnat. suis, et omnes conversi ad fid. ob V. Reg. et mirab.
in fil. ex sac. reliq. B. M. a Galiis eo Reg. postul. translatis,
et hic asservatis K. Jan. an. D.D.LX. Hanc inscript.
an. M.D.LVI. ex pervet. lapid. transcriptam, ac in Archiv.
hujus Ecclesiae invent. Opt. Par. Mart. filii posuere ann.
M.D.CCLXVII.

No meio da geral desolação da Hespanha, quando esta se achava sob o dominio dos sarracenos, mediante certo tributo que os conegos pagavam aos moiros, se celebraram sempre n'esta egreja os officios divinos e outras ceremonias ecclesiasticas. Teve communidade de conegos que abraçaram a regra de Santo Agostinho, possuindo em remotos tempos grandes rendas e privilegios, sendo senhores absolutos dos direitos de todo o pescado que se colhia desde Aveiro até Galliza.

O P.e D. Nicolau de Santa Maria [1] assevera que depois da restauração da Hespanha se erigiu em collegiada; e supposto não contar ao certo em que anno, comtudo diz que já antes do de 1118 tinha prior e conegos. Na residencia do D. Prior se vêem actualmente vinte e sete retratos de priores que a collegiada tem tido, distinguindo-se entre tantos varões illustres o cardeal infante D. Henrique, depois rei de Portugal, e o prior D. Nicolau Monteiro, natural do Porto, e bispo d'esta cidade, que foi conselheiro de estado, mestre dos reis D. Affonso VI, e D. Pedro II, e embaixador de João IV junto do pontifice Urbano VIII, advogando calorosamente em Roma a justiça de Portugal contra as pretenções de Castella, com a voz e com a penna, publicando o livro «*Vox turturis*».

A construcção da egreja, que primitivamente era no rigoroso estilo gothico, está hoje muito alterada pelas reparações e concertos que em tão longo tempo tem recebido, sendo ampliada e reedificada, em parte, pelo prior D. Luiz de Sousa Carvalho em 1742, que mandou abrir frestas pondo-lhes vidraças com grades de ferro, estucar todo o corpo da egreja que estava vestido de antigos azulejos desde 1558, como affirma o citado D. Nicolau de Santa Maria, e apear uma torre egual á que existe, porque ameaçava desabamento.

Do tombo da collegiada se infere que «aos 11 dias do mez de junho do anno de 1630, sendo prior D. Nicolau Monteiro, querendo abater o altar, e concertar os degraus do mesmo, no meio d'elle se achou um cofre de pedra, tosco, barrado de cal, quadrado, e dentro n'elle um véo de seda vermelha e branca a modo de damasquilho, mas já algum tanto gasto, e dentro n'elle estavam *alguns ossos, e pedacinhos de carne, e um pequeno de véo preto, e um pequeno de pau*, que estas eram as reliquias que de França vieram.»

Tem a egreja 27 metros de comprido, e $5^{m},60$ de largo. Nada tem de notavel ou curioso além das duas inscripções já descriptas, senão a pia baptismal de pedra, toscamente trabalhada, por ser a mesma em que Theodomiro e seu filho foram baptisados.

A collegiada que em 1788 tinha um D. Prior com cinco mil cruzados de renda, um chantre, um mestre-eschola, um thesoureiro-mór, oito conegos prebendados, tres ditos de meia prebenda, oito capellães, sacristães, coristas, serventes e um cura, está hoje muito reduzida, e decaída do esplendor antigo. Ao actual D. Prior se deve o estado de limpeza e conservação em que se acha a egreja e as officinas dependentes.

Infelizmente esta veneranda reliquia dos tempos remotos não pôde escapar, como muitas outras, ao contagio da *vermelho-cal-ocremania*, que invadindo o templo que os mesmos barbaros respeitaram, á força de successivas e grossas camadas de cal, de repetidissimas pinceladas de ocre e vermelhão, lhe alteraram exterior, e muito mais interiormente, a fórma primitiva da sua construcção!

Ainda não ha muitos mezes que no cume da vetusta torre se elevava uma humilde e singela cruz de ferro, que corroída pelos estragos das estações, e pelo curso secular do tempo, caíu abaixo, sendo impropriamente substituida por um mal cavacado mastro de pinho sarapintado, no qual, em dias festivos, se arvora uma bandeira nacional, transformando em bastião de praça de guerra, a torre secular do antigo templo!

E a carcomida e oxidada cruz, o symbolo da redempção que por tantos annos resistiu aos insultos de milhares de estações, essa, mais dia menos dia talvez, irá acabar nas mãos d'algum vendilhão de ferros-velhos!

A. M. LEORNE.

MOSSAMEDES

(Conclusão. Vid. pag. 160)

As despezas d'esta segunda expedição foram satisfeitas pelo producto de uma subscripção promovida entre os portuguezes que continuaram residindo no Brasil; bem como ás da primeira se havia occorrido com os meios enviados de Lisboa, por auctorisação do corpo legislativo.

Infelizmente, porém, tantos esforços e sacrificios foram em grande parte perdidos, já pela incuria de quem cumpria velar pela execução das instrucções da corte, já pela incapacidade de muitos dos primeiros colonos, já pelo mal entendido ciume com que algumas auctoridades e pessoas conspicuas continuavam a considerar as coisas da nova colonia.

[1] Chron. dos Coneg. Regr. liv. V, cap. XI, pag. 257.

A todas estas circunstancias, já de si bem ponderosas, veiu juntar-se uma esterilidade espantosa, por falta de chuvas, e d'ahi, como natural consequencia, a desgraça de alguns colonos, o desalento de outros, e ganharem terreno os que oppunham ao desenvolvimento de Mossamedes as especiosas allegações de que a fundação de tal presidio prejudicaria as praças de Loanda e Benguella, de que a sua salubridade era mui contestavel, e de que os terrenos proximos eram totalmente incapazes de qualquer especie de cultura.

Pessoas interessadas na perda de Mossamedes escreviam ao mesmo tempo para o continente e para o Brasil: « O clima é pessimo, é um logar de degradados, onde somos tratados como taes; é peior que a ilha de Fernão de Noronha; não nos deixam d'aqui sair sem completar dez annos! [1] »

A constancia, porém, de alguns colonos, entre os quaes devem mencionar-se com o merecido louvor os srs. Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, e José Leite de Albuquerque, e a tenacidade do governo em sustentar o seu empenho, venceram todos os obstaculos, as circunstancias foram pouco e pouco melhorando, a população crescendo, o commercio e a lavoura progredindo, a ponto tal que, sob representação dos habitantes, a humilde povoação de Mossamedes foi, por decreto de 26 de março de 1855, elevada á categoria de villa.

Todos estes e outros factos que importa conhecer, são excellentemente compendiados no seguinte trecho do relatorio do sr. visconde de Sá da Bandeira, apresentado á camara dos deputados em março de 1859.

« Tendo-vos fallado, diz o intrepido general e illustrado ministro, de alguns dos concelhos d'esta provincia (Angola)... tratarei agora do estado em que se acha a nova villa de Mossamedes... As vantagens que offerece o seu porto, a salubridade do seu clima, e a dos sertões que se avisinham foram a verdadeira causa d'alli se fundar uma colonia... As contrariedades que ao principio experimentou, occasionaram a perda de dois annos continuos para os seus respectivos trabalhos, e para mencionar algumas d'ellas, direi que foram a falta de inundações do rio Béro, cujas varzeas os colonos cultivavam, a ignorancia dos tempos de semear, e a escassez das respectivas sementes. Felizmente a persistencia de alguns colonos tudo venceu, porque, passado aquelle tempo, os progressos da agricultura de Mossamedes tem ido em successivo augmento, particularmente depois que a pratica tem feito conhecer que as especulações commerciaes nem sempre são tão proficuas quanto as do amanho das terras; o resultado d'estas idéas foi o estabelecerem-se já tres engenhos de assucar, um na villa de Mossamedes, outro no Bumbo, devendo assentar-se o terceiro no sitio da Bella Vista. Além da cultura da canna, os colonos de Mossamedes tambem se tem entregado á do algodão, cujas plantações se tem egualmente augmentado, sendo para notar, que a colheita dos outros generos necessarios ao seu sustento, não só já dá para o seu consumo, mas até mesmo para exportação, em vista das remessas que d'alli se tem ja feito para Loanda, e do que já se vende aos navios baleeiros americanos, que em numero consideravel frequentam o seu porto para receberem refrescos de vegetaes e gado, do qual tambem ultimamente se tem feito alguma exportação para a ilha de Santa Helena. Com tudo isto ha coincidido o desenvolvimento do fabrico do azeite de peixe, pelas muitas feitorias de pesca que lá se tem estabelecido, o acrescimo das construcções urbanas, e o incessante pedido de novos terrenos. »

[1] *Annaes do municipio de Mossamedes.*

Temos dito da origem e progressos da colonia; e antes de acrescentar algumas informações recentes, daremos uma breve descripção do porto e da novissima villa e seus suburbios.

A bahia que fórma o porto de Mossamedes olha ao oeste, e tem a margem do sul mais extensa que a do norte e mais alta, sendo formada de barreiras de grés, coroadas por uma camada de pedra mui rija e propria para construcções civis. Do extremo oriental d'estas barreiras pega um extenso areal que limita a bahia até á ponta do norte. D'este lado desembocca um rio, a que o gentio dá o nome de Béro, e que o tenente coronel Luiz Candido denominou das *Mortes*, pelo desastre alli succedido ao tenente Sepulveda e ao cirurgião da fragata *Loanda*, que, por sua imprudencia, foram assassinados pelos negros. Mui perto divide-se o Béro em dois braços, um dos quaes se dirige á bahia, e o outro á costa, a um sitio chamado *Loquengo*. Ha porém quem assevere que não é aquelle um braço do Béro, senão outro rio que alli vae desembocear com o nome de Equinina.

Apesar de um baixo, proximo da costa do sul da bahia, e que corre de nor-nordeste até meia distancia da ponta do norte, o porto de Mossamedes é seguro em todas as quadras do anno, e n'elle podem surgir muitos navios de todos os lotes; o desembarque, ainda na occasião das maiores calemas, faz-se ao sul da praia com extrema commodidade, ou ao norte em um sitio encostado á montanha, a que chamam o *Saco do Giraúl;* a aguada é excellente, e a pequena distancia da praia; innumeravel a quantidade de peixe.

As aguas do rio Béro espraiam-se em um vasto e formoso valle, em que existem extensas varzeas, proprias para toda a especie de lavra.

Os terrenos do dito valle são de alluvião; a terra dos lados é alta e alcantilada; a que fica ao norte, assaz montanhosa, estende-se até ao rio Giraúl (Equinina?). Em differentes pontos apresentam-se algumas elevações notaveis, terminando em um plano horisontal, o que lhes fez dar o nome de *mesas de Mossamedes.*

O litoral d'este logar é formado de terrenos stratificados, conservando horisontalmente e em ordem as camadas de sua formação. As *mesas* offerecem egual stratificação aos terrenos inferiores; as camadas que os constituem são compostas de seixos ou basaltos rolados, de materias arenaceas, de argila, de calcareos, em que se encontra grande copia de conchas fosseis, etc. [1]

A duas milhas de distancia, junto á praia, como já dissemos, está edificada a villa de Mossamedes, e n'uma elevação ao sul existe a fortaleza, com a invocação de S. Fernando, o palacio do governo (por concluir), a egreja, e o hospital.

Consta a villa de tres ruas direitas, e de sufficiente largura, chamando-se da *Praia*, dos *Pescadores*, e do *Alferes;* são parallelas á praia, e cruzadas por outras tantas travéssas.

Na povoação e nos sitios cognominados *Cavalleiros*, *Boa Esperança*, *Casados e Hortas*, existiam, em 1857, 150 predios, sendo de pedra e cal 39, de adobe 65, de pau a pique 27, e 19 cubatas de palha.

No mesmo anno contavam-se em Mossamedes 1:675 habitantes: 390 brancos, 58 pardos ou mulatos, 136 pretos livres, 156 pretos libertos, e 935 escravos de ambos os sexos.

O numero de predios e de habitantes é hoje muito maior, podendo calcular-se em 600 os de côr branca.

Dos poucos edificios publicos que alli se encon-

[1] *Breve noticia sobre o clima de Mossamedes*, por J. C. P. Lapa e Faro.

tram, a egreja, uma das melhores da provincia, é indubitavelmente o mais notavel. A fortaleza é solidamente construida. O quartel acanhado, podendo apenas accommodar setenta soldados. Está no mesmo caso o hospital, que, posto seja bem situado, não tem a capacidade sufficiente. Quasi todos os habitantes se occupam na industria da pesca ou na cultura da terra, com muito fervor e curiosidade.

Para que a este respeito se forme exacta idéa do estado actual de Mossamedes, juntaremos n'este logar um extracto do relatorio inedito de um intelligente official de marinha, que a visitou em agosto de 1860 [1], já depois que teve logar a famosa incursão dos mu-nanos, barbaros sertanejos, que tantos damnos e prejuizos causaram aos colonos.

« Quando de 1852 a 1856 estivemos em Africa, servindo na respectiva estação naval, pareceu-nos, nas muitas vezes que visitámos Mossamedes, que nunca de tal ponto se poderiam colher vantagens pela agricultura; pois que julgavamos mui limitado o terreno proprio para ella: todavia sempre pensámos tambem, que de futuro esta mesma pequena porção de terreno produziria o sufficiente para alimentar a povoação da villa, ainda mesmo que esta crescesse. Hoje somos obrigados (com muito prazer) a reformar a nossa opinião, porque Mossamedes produz já o sufficiente para sua sustentação, e de muitos generos, como farinha de mandioca, batatas e feijão, já exporta em grande quantidade, não só para os portos do norte da provincia, como tambem para Santa Helena, cuja praça sustenta actualmente uma carreira mensal de navegação feita por um patacho e um palhabote que levam sempre muito gado, e 12:000 arrobas de batata annualmente, pouco mais ou menos.

« Tem-se construido muitas e bonitas casas, em consequencia de ter augmentado consideravelmente o numero dos habitantes brancos. As plantações nas duas margens do Béro tem tomado um grande incremento, devido á feracidade do terreno e ao trabalho dos homens. Alli nota-se o que não se vê nas outras povoações da costa: a actividade, enthusiasmo pelo trabalho, e vontade firme de fazer prosperar a terra. Alli vêem-se homens brancos de enxada na mão trabalhando ao lado dos pretos, sem que por isso julguem a sua dignidade offendida, e sem que o clima os prejudique. Nos Quipolas, ao norte do Béro, estão estabelecidos dois engenhos, que já trabalham e exportam alguma aguardente. D'este lado do rio o terreno parece de melhor qualidade, achando-se alli estabelecidos mais europeus do que do lado do sul. No entretanto, na margem do sul ha extensas plantações de mandioca, trigo, batatas, cará, feijão, hortaliças e outros generos. O guarda marinha de commissão Abreu Vianna é possuidor de um grande tracto de terreno, do qual apenas tem cultivado uma pequena parte, e todavia a fertilidade do terreno é tal, que vive e sua numerosa familia do producto de suas plantações, e pensa, com o lucro que d'ellas obtiver, poder, em um futuro não mui remoto, estabelecer um engenho para a fabricação do assucar e da aguardente. Ha de uma e outra margem do rio outros possuidores de terrenos que do seu producto vivem fartamente. Portanto, se o terreno cultivado, que não é nem a centesima parte do que o póde ser, sustenta a povoação, e exporta, como acima disse, para os outros portos da provincia, e ilhas de Santa Helena, S. Thomé e Principe, e outros pontos, não obstante a povoação ter, desde 1856, crescido muito, segue-se que Mossamedes póde e ha de fazer a sua felicidade pela agricultura tambem... »

[1] O segundo tenente da armada C. F. de Almeida, immediato do vapor de guerra *Maria Anna*.

Mas não é a vantajosa posição geographica de Mossamedes, nem a fertilidade das varzeas do Béro, nem a opulencia dos sertões adjacentes, nem a abundancia dos gados que tornam para nós mais interessante este estabelecimento.

É notoriamente sabido, que a ruindade do clima da Africa tem opposto até agora um obstaculo invencivel á aclimação dos europeus; e sem se conseguir este *desideratum*, mui demorado será o progresso d'aquella parte do mundo.

« Parece, diz João de Barros, que por nossos peccados, ou por algum juizo de Deus occulto a nós, nas entradas d'esta grande Ethiopia, que nós navegâmos, se poz um anjo percuciente com uma espada de fogo de mortaes febres, que nos impede poder penetrar ao interior das fontes d'este horto, de que procedem esses rios de oiro que por tantas partes da nossa conquista sáem ao mar. [1]

Uma dolorosa experiencia de seculos tem mostrado a verdade das desconsoladoras palavras do grande historiador da Asia.

Em Mossamedes, comtudo, mudam as coisas de figura; a salubridade d'este ponto da costa de Africa já não admitte sombra de duvida. A temperatura alli não é excessivamente quente; o frio nunca demasiado; as manhãs tem uma fresquidão agradavel; uma atmosphera pura, e livre de emanações miasmaticas, em que poucas vezes se faz sentir humidade. A raça branca, mesmo exposta a trabalhos rudes, apresenta-se córada e robusta, e a sua prole não desmente a acção benefica do paiz. [2]

O problema da aclimação ahi está resolvido. É a opinião dos juizes mais competentes. Um vasto campo se abre pois á actividade e industria de tantos de nossos conterraneos que buscam em regiões estranhas, e tantas vezes inhospitas, a fortuna que não poderam encontrar na sua patria. Cumpre ao governo continuar perseverantemente a obra encetada com tão felizes auspicios; e cremos que em poucos annos, Mossamedes, séde de uma florescente colonia europea, apoiada nos ferteis presidios dos sertões do sul, será a cabeça de uma das mais importantes provincias da Africa occidental, e o emporio de grande e valiosissimo commercio.

Foram estes os sentimentos que nos inspiraram quando démos certo desenvolvimento á presente noticia.

A estampa que apresentâmos, é copiada de outra egual, inserta na excellente obra do sr. F. Travassos Valdez, *Seis annos de vida na Africa occidental*, de que já em outros numeros d'este semanario temos feito especial e honrosa menção.

P.

A SENSITIVA

Certa planta (oh! prodigio!) a seus encantos
Liga os melindres do virgineo pejo.
Se com dedo indiscreto ousas tocal-a,
Quer esconder-se a pudibunda folha,
E ás mesmas leis fiel, o mobil ramo
Se inclina para o tronco e cinge a elle.

AS PLANTAS, *trad. de Bocage*

Se ha plantas e flores tão emblematicas, que até da sua linguagem os poetas fizeram diccionario, a sensitiva tem, além d'isso, uma propriedade que a torna comparavel á donzella pudibunda, porque ao mais leve toque estremece e se retrahe, escandalisada e sentida. D'este simile lhe proveiu o nome de *mimosa pudica*, dado por Linneo; de *sensitiva*, por todos os botanicos que escreveram nas linguas modernas; e de *herva viva*, pelo nosso povo.

[1] *Decadas da Asia*, liv. III, cap. XII.
[2] *Memoria sobre o clima de Mossamedes.*

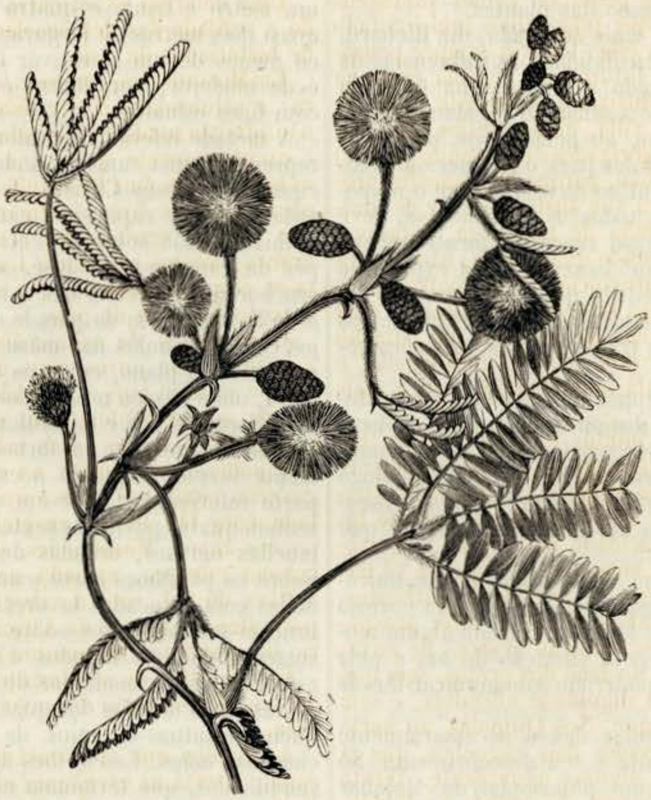
Ao mais leve toque as folhas da sensitiva unem-se umas ás outras, encolhem como se tivessem sentimento. Basta unicamente tocar n'uma, para que as outras se vão logo retrahindo como por uma acção sympathica. Muitas vezes a irritabilidade chega a tal ponto, que os foliolos não só se fecham uns sobre os outros pela face superior, mas o peciolo se inclina para a terra. O calor, o frio demasiado, os liquidos volateis, os reagentes, em summa, tudo o que póde influir sobre os orgãos dos animaes, influe sobre a sensitiva.

Esta planta, oriunda do Brasil e das regiões meridionaes da America, cultiva-se em todos os hortos botanicos da Europa, e é vulgar nos nossos jardins.

Tem de $0^m,50$ a $0^m,70$ de altura; a raiz é pequena, e lança muitos troncos arbustivos, a maior parte inclinados para a terra, espinhosos, carregados de folhas pecioladas, de quatro digitações ou divisões; e cada uma d'estas pinulada com muitos folhetos miudos, estreitos, compridos e lisos.

As flores, ou flósculos, dispostos em cabecinha globosa como a da esponjeira, são de aprazivel côr de carne, e abrem no mez de agosto e setembro. Dão uma semente em vagens articulares, cuja virtude germinante dura muitos annos.

Os botanicos tem dissertado largamente sobre a notavel sensibilidade d'esta planta, sobre tudo por verem que a produz qualquer corpo, seja de que natureza for, tanto á luz como na escuridão, assim ao ar livre como na agua, e a toda a hora do dia. Uma temperatura mais alta lhe causa movimentos mais vivos, assim como a intensidade da luz, a humidade moderada, a tenrura ou vigor da planta, e em geral tudo o que póde favorecer e activar a sua vegetação.



A Sensitiva

O celebre Jussieu diz, que não só causa este movimento da planta a excitação mechanica, qualquer excitação chimica produz effeitos analogos, como se vê deitando um pingo de acido concentrado n'um foliolo, muito de vagar, para que elle se não mova; ou fazendo convergir sobre um ponto qualquer os raios do sol concentrados no foco de uma lente. Póde-se então seguir a serie dos movimentos que se operam lentamente, mas tambem com mais generalidade. Comtudo, os differentes pontos sobre que se fizer a experiencia, não transmittem egualmente a excitação. Por exemplo, tocando na parte superior da base do peciolo, não produzirá movimento nenhum; mas tocando-lhe na parte inferior, immediatamente se inclinará.

Desfontaine notou, casualmente, que a sensitiva se acostuma a um balanço continuado, embora ao principio se contráia. Indo n'uma sege, e levando comsigo um pé de sensitiva, viu que assim que começou a rodar, o estremecimento da sege communicado á planta lhe fez cerrar todas as folhas, porém pouco a pouco se foram abrindo, e não se tornaram a fechar durante a jornada, como se a planta estivesse immovel. Pelo contrario, qualquer toque, o mais leve sopro de vento lhe cerrava as folhas.

Os venenos absorvidos pela raiz da sensitiva alteram-lhe a excitabilidade antes de a matar. As experiencias feitas com chloroformio, opio, etc., tem dado resultados mui variados.

Ao pôr do sol tambem as folhas da sensitiva se fecham; parece que murchou; mas ao romper da aurora recobra o seu natural vigor, e nunca ella se ostenta tão formosa como quando o astro do dia dardeja os seus raios; e tanto, que se qualquer nuvemzinha passa por diante do sol, logo se arrufa a melindrosa planta.

Qual é porém a causa de tão extraordinaria sensibilidade? Muitos physiologistas se tem dado a experiencias e indagações repetidas para a descortina-

rem, sem que até ao presente o hajam conseguido.

Como o estado da sensitiva depois de a terem fatigado, é o mesmo que durante o seu adormecimento, Darwin pensou que o podia attribuir a uma especie de paralysia causada por uma violenta irritação, como o desfallecimento de certos animaes depois de uma dor forte, ou de um cançaço excessivo. Isto, porém, é uma simples hypothese, que explica tão pouco o phenomeno como a que o attribue á força vital.

Lamarck e outros, suppõem que esta sensibilidade provém de um gaz que sáe dos vegetaes com qualquer toque, por mais leve que seja.

Alguns derivam a causa, das alternativas do calor e do resfriamento a que as plantas estão expostas durante o dia e a noite; alternativas que devem influir na circulação da seiva; mas esta explicação só se póde applicar aos movimentos regulares que constituem a vigilia e o somno das plantas.

A opinião ainda hoje mais adoptada, diz Richard, é a que attribue esta sensibilidade ás influencias da seiva. Dizem que quando se irrita uma folha da sensitiva, propagando-se a sensação rapidamente, ou seja pelo tecido cellular, ou pelos vasos, os succos seivosos refluem dos foliolos para o seu peciolo commum; e este fluxo repentino da seiva sobre o nó peciolar, onde se passam todos os movimentos, deve causar as alternativas que successivamente experimenta a planta. Mas, infelizmente, esta explicação funda-se n'uma propriedade que os factos não demonstram, a contractilidade do tecido cellular e dos vasos, e a faculdade de transmittir as sensações recebidas.

Dutrochet, que presuppõe nos vegetaes um systema nervoso analogo ao dos animaes, tentou explicar os movimentos da sensitiva pela acção nervosa movida por agentes externos. Este sabio physiologo tem feito aturados estudos para provar a sua theoria; mas não se julgam ainda sufficientes para que ella se adopte.

Deleuze, que attribue estes phenomenos unicamente á acção da atmosphera, diz que fôra curioso experimentar se os sons fortes causariam algum movimento na sensitiva, pela vibração do ar, e pela que os mesmos sons poderiam communicar-lhe ás fibras.

Uma planta tão singular deveu necessariamente ser muito estudada desde o seu descobrimento. Só sabemos, porém, que um philosopho do Malabar endoidecêra na investigação das causas da sensibilidade de tal planta; e que os antigos lhe attribuiam propriedades maravilhosas e medicinaes, como a de promover a expectoração, acalmar a tosse, aclarar a voz, abrandar as dores dos rins, curar os tumores escrofulosos, etc.; e tambem acreditavam que não era sensivel senão ao contacto dos dedos de menina donzella.

O certo é que a sensibilidade d'esta planta suggeriu a idéa de a fazer emblema do pudor; e justifica o nome especifico de *pudica* que lhe deu Linneo.

Voltaire, Roucher, Castel e outros muitos poetas, tem cantado maviosamente a mimosa sensitiva. Mas nenhum egualou a Darwin, o imaginoso poeta botanico inglez, auctor dos *Amores das plantas*.

« Sempre agitada pela delicadeza dos seus orgãos, diz elle, a casta *mimosa* repelle o mais leve toque. Sobresalta-se quando uma nuvem passageira lhe quebra os raios do sol. Ao menor sopro do vento estremece, e recolhe-se com medo da tempestade. Assim que anoitece cerra as palpebras; e quando o somno tranquillo tem já rejuvenescido os seus encantos, acorda e saúda a aurora. Fiel observante dos usos do Oriente, alternando a graciosidade com a decencia, e a modestia com a altivez, recata-se com o véo, encaminha-se para a mesquita, e ahi se obriga, pelo voto de um amor eterno, ao esposo que a reconhece como rainha do seu magnifico harem. »

Conhecem-se hoje algumas oitenta especies de sensitivas; mas a de que temos fallado, e representa a nossa estampa, é a sensitiva vulgar, a *mimosa pudica* de Linneo.

Os peciolos que ficam para o lado esquerdo tem os foliolos abertos, como no seu estado natural; os da direita estão fechados ou contrahidos como quando se lhes toca.

ORATORIO DE D. JOÃO I DE CASTELLA TOMADO PELOS PORTUGUEZES NA BATALHA DE ALJUBARROTA

(Conclusão. Vid. pag. 137)

Tem este oratorio a fórma de um armario, com um metro e trinta e quatro centimetros de altura, quasi dois metros de largura, estando aberto, e pouco menos de um se estiver fechado. Exteriormente é de madeira; por dentro é todo de prata doirada com finos esmaltes.

A metade inferior do oratorio, no corpo principal, representa uma camara, onde se vê figurado o nascimento de Jesus Christo. A Virgem Maria está deitada em uma riquissima cama fabricada no gosto gothico, tendo sobre o ventre o Menino Jesus. Aos pés da cama está S. José, sentado e encostado ao seu bordão. Por cima das cabeças de Nossa Senhora e de S. José sáem da parede dois meios corpos d'anjos com thuribulos nas mãos em acção de incensar; e no mesmo plano, entre os anjos, avulta a mangedoira, onde nasceu o Salvador, sobre a qual se vêem as cabeças do boi e da mulinha.

Cobre o presepio um formoso baldaquino curiosamente lavrado segundo o estilo gothico puro. Na parte inferior divide-se em quatro arcos, que sustentam quatro pavilhões sextavados, todos abertos em janellas ogivaes, ornadas de mui delicados feitios. Sobre os pavilhões corre uma galeria de grandes janellas com brincados lavores. Na parte superior debruçam-se dois anjos sobre os pavilhões lateraes, sustentando dois escudos d'armas d'elrei D. João I de Portugal, esmaltadas de verde e escarlate.

Nas cinco misulas dos quatro arcos estão cinco pequenas estatuas de anjos, de corpo inteiro, com tochas nas mãos. Fazem-lhes docel uns corocheus arrendilhados, que terminam em esbeltas agulhas.

Os quatro pavilhões são divididos por delgados pilares, que vão servir de base a cinco capellinhas, as quaes se encostam á galeria, de que acima fallámos.

Fecha-se o oratorio com duas meias portas. Na do lado direito, na parte superior, está representada a *Annunciação*, e na parte inferior a *Apresentação*. A do lado esquerdo contém em cima a *Adoração dos pastores*, e por baixo a *Adoração dos Magos*. Estes quatro passos estão collocados em umas camaras ou capellas com o mesmo fundo, que a do Nascimento de Christo, o qual será de uns dez centimetros. Serve-lhes de tecto uns baldaquinos, formados por dois arcos de ponto agudo, coroados e guarnecidos de ramilhetes de flores e palmas. Tanto os baldaquinos d'estas quatro capellas, como o do corpo principal, são todos esmaltados de diversas côres, e decorados de baixos-relevos, fingindo caixilhos de vidraças, e outros ornatos. As paredes do fundo e lateraes das capellas são lavradas em xadrez com uma parra em cada quadrado.

Todas as figuras são de vulto inteiro, e cada uma tem de altura coisa de trinta e quatro centimetros. O rosto e mãos são cobertos de encarnação, tudo o mais de prata doirada.

Não se recommendam as figuras pela excellencia da esculptura, nem pela correcção do desenho. Todas são mal proporcionadas, e algumas disformes. Porém, em compensação, tudo quanto respeita á architectura é bello, elegante, e está fabricado com engenhosa e esmerada perfeição.

Os esmaltes conservam toda a graça e brilho primitivos. O doirado da prata está como novo. Só em uma unica feição está alterado este oratorio. Infelizmente é para nós feição principal, considerado como trophéo da gloria militar de Portugal. No logar onde avultavam as armas de Castella, vêem-se agora os dois escudos d'armas do mestre d'Aviz. Passados annos depois que o nosso rei D. João I fizera presente d'este oratorio a Nossa Senhora da Oliveira, os conegos d'esta collegiada, querendo patentear a sua gratidão a este soberano pelas muitas dadivas e mercês que fez a esta egreja, não acharam melhor meio, que a troca d'aquelles brazões. D'est'arte aquelles illustrados conegos fizeram duvidosa para os estrangeiros, e para os nacionaes menos sabedores das nossas antigualhas, a historia d'este precioso trophéo. E até deram causa a que um nosso celebre antiquario caisse em erro, levado sem duvida d'aquelle engano, escrevendo que o referido oratorio fôra mandado fabricar pelo nosso rei D. João I da prata a que se fez pesar na egreja de Nossa Senhora da Oliveira, quando ahi foi em romaria, logo depois da batalha d'Aljubarrota.

É certo que aquelle soberano fez-se pesar a prata n'essa occasião, para a offerecer a Nossa Senhora, do que ha documento no cartorio da collegiada. Porém d'essa prata fabricaram-se lampadas, castiçaes, e outras peças para o serviço da egreja.

Entre os mais objectos preciosos tomados na batalha de Aljubarrota, e offerecidos a Nossa Senhora da Oliveira, figuravam doze anjos de prata doirada. Os conegos desfizeram onze d'estes anjos para ornar o seu templo com mais alguns castiçaes, thuribulos, navetas e outras peças.

Deixaram todavia um para memoria, que existe no thesoiro da collegiada e tem de peso 24 marcos. Antigamente costumavam conduzir este anjo na procissão do Corpo de Deus, pondo-lhe nas mãos o Santissimo Sacramento. Depois, pelos annos de 1540, e de então até á actualidade, deixou de tomar logar n'aquella festividade, para sair tão sómente na procissão do Anjo Custodio. E para que representasse bem do Anjo Custodio de Portugal, pozeram-lhe na mão esquerda o escudo das armas portuguezas, e na direita uma espada!

Por felicidade tem este anjo uma inscripção, que diz: *Esta obra mando fazer el noble señor rey Don Juan, hijo del noble señor rey Don Enrique.* Refere-se a D. João I de Castella, filho de D. Henrique II. Alguns dos outros anjos, que se desfizeram, tinham sido feitos por ordem d'este ultimo monarcha, conforme se lia nas respectivas inscripções.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

PALACIOS REAES

El-rei D. Affonso Henriques teve a sua primeira corte, sendo infante, em Guimarães. Transferiu-a d'ahi para Coimbra, onde a conservou em todo o seu longo reinado. Depois da tomada de Lisboa, quando vinha a esta cidade, aposentava-se em umas casas contiguas á sé. Suppomos que estavam situadas no logar onde mais tarde se construiram os paços episcopaes, que communicavam com a cathedral. D'estes paços, que foram reedificados e muito augmentados no tempo dos arcebispos de Lisboa, ainda se vêem restos que mostram bastante antiguidade.

Não permittem os limites d'esta obra, que exponhamos as razões por que preferimos n'esta nossa supposição aquelle sitio aos dois mais acima, onde existiram o edificio das mercearias de D. Affonso IV, e os paços da Moeda.

Foi D. Affonso III o primeiro monarcha que estabeleceu corte em Lisboa, edificando para sua residencia um palacio junto ao castello da cidade, que depois se denominou de S. Jorge. Estava este palacio contiguo á muralha, mas fóra d'ella, para o lado do oriente, e proximo da egreja parochial de S. Bartholomeu, com a qual tinha communicação por um passadiço.

D'este paço, em que morreu o fundador, e onde nasceu seu filho e successor, el-rei D. Diniz, não existe vestigio algum. O terremoto do 1.° de novembro de 1755 arruinou-o completamente, bem como a egreja de S. Bartholomeu, que desappareceram de todo na reedificação da cidade, vendo-se hoje no sitio d'esta um largo, e no d'aquelle uma correnteza de casas. O palacio de S. Bartholomeu, tendo sido doado por el-rei D. Diniz a seu neto D. João Affonso, filho do seu filho bastardo Affonso Sanches, passou a ser propriedade particular.

O mesmo rei D. Affonso III mandou fazer duas casas de campo. Uma era em Xabregas, á qual lançaram fogo os castelhanos, quando vieram pôr cerco a Lisboa, no reinado de D. Fernando. Sobre as suas ruinas levantou-se ao diante o convento de S. Francisco, actualmente fabrica do tabaco. A outra era no Lumiar, onde deixou o nome de *Paço do Lumiar*. El-rei D. Diniz fez doação d'esta casa e quinta ao dito seu filho Affonso Sanches, as quaes, depois de passarem a diversos possuidores, vieram a pertencer ao marquez de Angeja, e presentemente á sra. marqueza do Fayal, filha primogenita dos srs. duques de Palmella. Todas as construcções, porém, d'esta quinta são do seculo passado, e do actual.

Habitou D. Diniz alguns annos, sendo rei, no palacio de S. Bartholomeu, até que fundou dentro do Castello os paços chamados *da Alcaçova*, para os quaes se mudou, e onde residiam seu filho D. Affonso IV, e seu neto D. Pedro I, quando vinham estar algum tempo em Lisboa; pois que então, e ainda nos sete reinados seguintes, a corte não tinha assento permanente, assistindo em Coimbra ou em Evora, em Santarem ou em Almeirim, em Lisboa, Setubal, Torres Vedras, etc.

Os paços da Alcaçova estavam situados dentro do Castello, e junto da cidadella, desfructando-se das suas janellas e terrados extenso panorama da cidade, do Tejo e do Oceano. Foi habitação real até ao tempo del-rei D. Manuel. Depois foi concedido aos alcaides móres de Lisboa para sua residencia. O terremoto de 1755 destruiu-o de modo que pouco resta d'elle. A proximidade d'estes paços aos de S. Bartholomeu foi causa de que muitos escriptores confundissem um com o outro.

Tambem el-rei D. Diniz edificou duas casas de campo com suas quintas, onde ia passar algum tempo de vez em quando. Uma era o *paço de Odivellas*, que mais tarde o mesmo soberano transformou no mosteiro das freiras Bernardas, da invocação de S. Diniz, cujo templo lhe serve de jazigo. A outra era em Frielas, a pouca distancia de Santo Antonio do Tojal.

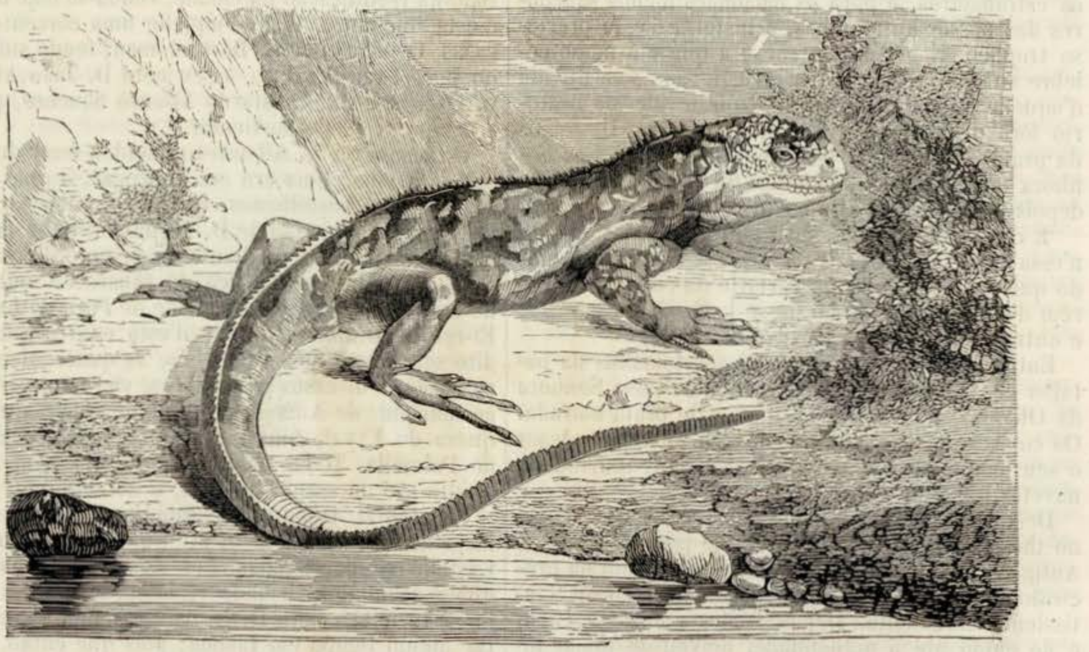
El-rei D. Pedro I fundou os *paços e quinta de Bellas*, que frequentava para espairecer as magoas de seus mallogrados amores. D'esta propriedade nos occupámos em outro capitulo, e ahi historiámos como veiu a pertencer á casa dos marquezes de Bellas, hoje do sr. conde de Pombeiro.

Morou el-rei D. Fernando, ora nos *paços da Alcaçova*, ora nos da *Moeda*, onde falleceu. Não encontrámos memoria de quem foi o fundador dos *paços da Moeda*, que no reinado seguinte se denominaram *paços dos Infantes*, pela razão de habitarem n'elles os filhos del-rei D. João I. El-rei D. Manoel fez d'estes paços casa da supplicação e cadeia. Derrocados pelo terremoto de 1755, foram reedificados pelo marquez de Pombal sob diverso plano, mas tambem para cadeia publica, que se conserva com o nome de *Limoeiro*. Ainda se vê do antigo edificio um cunhal com uma hombreira de janella, que deita para a rua do Limoeiro. Em continuação d'esse cunhal ainda nós conhecemos tres janellas em bom estado. N'outro capitulo tratâmos mais extensamente da historia d'este edificio.

Dizem que D. João I fundára um palacio em Lisboa. Variam as opiniões ácerca do local, porém nenhuma tem fundamento. Os auctores antigos, que fallam d'esta fundação, não mencionam o sitio, e assim é possivel que quizessem alludir á reedificação que o dito monarcha fez dos paços da Moeda para residencia do infante D. Duarte, seu filho primogenito, e successor.

Em favor d'esta nossa opinião apresentâmos uma circunstancia de algum peso, e vem a ser, que D. João I, todas as vezes que vinha a Lisboa, aposentava-se nos paços da Alcaçova, e quando adoeceu gravemente em Alcochete da enfermidade que lhe poz termo á vida, pediu que o transportassem para estes paços, porque n'elles queria morrer, o que se realisou. Não é crivel, pois, que, se tivesse fundado um palacio real, nunca o habitasse, e tendo-o habitado, que não ficasse d'elle alguma memoria escripta, como ficou de todos os outros paços reaes.

(Continúa)



O Amblyrhincho

Este singular genero de largarto encontra-se, unicamente, no archipelago das ilhas Galapagos, ou das Tartarugas, situadas sob o equador, proximo de 36000 kilometros a oeste das costas da America do sul, todas formadas de rochas volcanicas.

É um reptil hediondo, estupido, vagaroso e de côr fusca. A cauda é achatada, e os dedos das quatro patas são em partes palmares. Tem ordinariamente 1 metro de comprimento, e pesa 6 a 9 kilogrammas.

Deu-se o nome grego de *amblyrhinchus* por ter o focinho curto.

Ha duas especies, uma terrestre *(amblyrhinchus cristatus)*, e outra aquatica *(amblyrhinchus demarlii)*.

Ambas estas especies tem estructura e habitos communs; ambas são herbivoras, postoque se sustentem de vegetaes differentes. Os que vivem nos altos bebem agua, mas não os que habitam as terras baixas e estereis. A carne depois de cozida é branca como a da gallinha, e dizem que muito gostosa.

Humboldt já notou que sob os tropicos, na America do sul, todos os largatos que habitam em terrenos seccos, passam por manjar delicado.

É de certo curioso encontrar-se uma raça tão bem caracterisada, dividida em especie terrestre e maritima, e confinada em tão pequeno canto do globo.

A especie aquatica é muito mais notavel, por ser o unico largato que se sustenta das producções vegetaes do mar.

Á vista dos milhares de tocas abertas pelas tartarugas da terra, e grande numero das do mar; das innumeraveis tocas feitas pelo amblyrhincho terrestre; dos bandos da especie maritima que cobrem as costas roqueiras d'aquellas ilhas, póde-se admittir que em nenhuma parte do mundo a ordem dos reptis substitue, por modo tão providencial, os maniferos herbivoros.

Estes factos transportam mentalmente os geologos ás epochas secundarias, em que os lagartos, egualando em grossura as nossas baleias, alastravam o mar e a terra.

Convem observar que o archipelago dos Galapagos, longe de ter uma vegetação vigorosa e humida, é extremamente arido, e mui temperado para uma região equatorial.

Este bicho, posto que tão feio, é inoffensivo. Os passaros que, como elle, gostam muito da flor do cacto, estão muitas vezes comendo do mesmo pé, cada um de seu lado. Até lhe saltam no costado a fazer-lhe cocegas com o biquinho!

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.